

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

EDSON ELIAS DA SILVA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Edson Elias da Silva (E)

Entrevistadores – Anna Beatriz de Sá Almeida (A) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Data – 30/10/2001

Local – Fundação Oswaldo Cruz/Rio de Janeiro/RJ

Duração – 60min

Transcrição – Angélica Estanek Lourenço

Conferência de fidelidade – Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel

Sumário – Yves Mauro Junior e Laurinda Rosa Maciel

Resenha biográfica - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Edson Elias da. *Edson Elias da Silva*. Entrevista de história oral concedida ao projeto *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil, 2001*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024, 30 p.

Fita 1 - Lado A

A - Projeto Memória da Poliomielite no Brasil, entrevista com Dr. Edson Elias da Silva, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel, no dia 30 de outubro de 2001, fita 1. Então, Dr. Edson como a gente conversou, a gente começa sempre perguntando para os entrevistados como é que foi a vivência deles. Na adolescência, na infância e o que levou ele a fazer uma opção de carreira, quer dizer, conversar um pouquinho com a gente, se tem alguma marca no teu ginásio, algum professor importante ou alguma vivência na família que te levou a ter esse interesse pela ciência...

E - Não teve nada que marcou muito assim na verdade não.... Assim... desde que eu estava nos primeiros anos de escola e tudo, já fazia parte daquele grupinho que andava com uma cruzinha vermelha assim na¹... lá no segundo ou terceiro ano de, antigamente chamava grupo escolar, né? Essas coisas antes do ginásio... Eu já fazia parte dessa parte, sempre me interessei por ciência mesmo...

A - Essa cruzinha vermelha era o quê?

L - Mas o que significa a cruz vermelha?

E - É porque era um grupinho de alunos que faziam parte, vamos dizer, da área, da área que se interessava pela parte de saúde, da parte...

L - Ah! Que interessante.

E - E tinha outros que eram a parte mais de engenharia, a parte tecnológica, uma coisa assim.

L - O senhor é daqui do Rio mesmo? Estudou...?

E - Não, não. Eu estudei em Belo ..., eu nasci em Belo Horizonte... E sempre estudei em Minas Gerais. Depois da faculdade é que eu vim para o Rio de Janeiro.

A - Família muito grande? Seus pais trabalhavam em ...

E - Família grande sim, mas os meus pais não são ligados à área de saúde não. (risos) são comerciantes.

A - Comerciantes. Muitos irmãos?

E - Mais três irmãos e um deles, um deles é biólogo.

A - Ele é o mais velho, ou o senhor?

E - Eu sou mais velho.

A - O senhor é o mais velho. Você, na verdade, deve ter influenciado um pouco ele.

¹ O depoente está se referindo à uma cruzinha na gola da blusa escolar.

E - Acho que sim. (risos)

A - E aí você fez a sua formação em Belo Horizonte?

E - Foi em Ouro Preto na Faculdade de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto, então me formei em farmacêutico bioquímico.

A - E a opção por Ouro Preto?

E - E a opção por Ouro Preto, olha, aí realmente eu acho que eu gostaria de estudar essa, seguir essa carreira é... pensando eu acho, já naquela época em, assim, trabalhar dentro da área de ciências e eu achei que Ouro Preto... Achei que Ouro Preto fosse... Eu achei Ouro Preto uma cidade muito interessante porque eu adorava a cidade, assim, a arquitetura da cidade... (risos)

L - É linda também, a cidade é linda!

E - ...E tinha o que eu queria estudar. Então eu não tive, não tive muito o que pensar não. Fui estudar isso em Ouro Preto. Tinha em Belo Horizonte, mas eu preferi ficar em Ouro Preto. E já nessa época, eu já, é... na faculdade fui monitor de bioquímica, já comecei a me interessar pela parte mais de bioquímica e biologia molecular nessa época.

A - Já desde aí tinha esse interesse?

E - É, eu comecei, é.

A - Tem professores que te marcaram...

E - Tem sim...

A - ...Na faculdade?

E - ...Tem alguns professores de bioquímica, me marcaram, foram fundamentais na..., assim, porque eles eram professores da Universidade também de Belo Horizonte e tinham carreiras científicas, publicavam trabalhos, faziam experiência em laboratório e isso me levou a ter um grande interesse em ...

A - A faculdade tinha uma boa parte de prática, uma boa estrutura de laboratório?

E - Tinha, tinha...

A - Uma boa biblioteca?

E - ...Tinha. Biblioteca não, biblioteca era um pouco fraca. A parte da faculdade era melhor pelo que, assim, os professores estavam trazendo para a gente na área de... nessa área de bioquímica que eu preferia, não é?

A - Sei. É, e nesse momento que o senhor está na faculdade, está vivendo aquele universo, o que é ciência, professores que publicam, a Fundação Oswaldo Cruz, já era uma referência?

E - No final da faculdade, é... eu tive contato com alguns pesquisadores da Fiocruz que estiveram dando palestras e tudo e um professor, é... que, na verdade, era professor da UFRJ...

L - Quem Dr. Edson?

E - ...Do Departamento de Virologia, Dr. Raimundo Diogo Machado, ele foi em Ouro Preto dar uma palestra sobre virologia e realmente foi um impacto muito grande, assim, na, na... para mim como estudante de ver aquilo de vírus, porque na faculdade a gente via muito, muito pouco, muito, muito pobre e vi aquela coisa falando sobre as famílias de vírus e tudo e eu fiquei realmente empolgado... e desde aí eu falei: eu vou ser virologista.

A - (risos) Que barato.

L - Que legal.

E - Eu estava no terceiro ou quarto ano, tanto que meu primeiro estágio, depois que eu saí da faculdade, foi nesse Departamento na UFRJ, no de Virologia.

A - Aí o senhor veio e estagiou lá já formado.

E - Aqui no Rio de Janeiro, já formado e entrei no mestrado lá na UFRJ. E aí eu fui...

A - Foi fazendo a carreira.

E - ...Depois foi disso é que eu fui para a Fiocruz. É.

A - Esse estágio, essa vinda para o Rio, que dizer, essa opção de vir para o Rio foi vinculada a essa questão da virologia porque aqui estavam essas pessoas?

E - Foi vinculada à virologia.

A - O senhor veio com bolsa, veio com algum projeto?

E - Não, inicialmente eu vim sem nada, vim, assim, cheguei aqui num calor...

A - Movido pela paixão.

E - ... violento aqui no Rio de Janeiro (risos). Eu estava quase morrendo...

L - Ainda, mais Ouro Preto que é frio, não é?

E - É. Então, eu cheguei para fazer estágio no Departamento de Virologia e não ganhava nada. E no início assisti algumas aulas de graduação para poder...

L - Se enturmar, conhecer as pessoas.

E - Me enturmar com o 'esquema' e comecei a estudar para fazer o mestrado, para fazer as provas do mestrado. E quando eu passei no mestrado, só aí sim eu tive bolsa.

A - Aí já teve bolsa. E foi o mesmo momento onde você teve o contato com o INCQS [Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde], com a Fiocruz, como é que foi essa entrada?

E - É. Aí logo no final desse mestrado, que dizer, no final², e, logo depois que eu comecei o mestrado eu já trabalhando com virologia, o INCQS estava no começo e estavam precisando de virologistas para começar a parte de controle de qualidade em vacinas e então foi o meu primeiro contato com a pólio aí já em [19]80, quando eu vim para o INCQS para trabalhar com controle de qualidade de vacina que era principalmente pólio, sarampo e febre amarela.

A - Sarampo e febre amarela...

E - Então eu comecei em [19]80 com essa história de pólio, mas em controle de vacina...

A - Em controle.

E - Então, todos os lotes de vacina que iriam ser utilizados no programa de vacinação do Ministério da Saúde que começou também em [19]80... eram testados no INCQS, antes de serem utilizados. E eu era o chefe desse laboratório de controle de qualidade de vacina...

A - Como que era essa coisa de?

E - ...ainda existe esse laboratório.

L - De você testar, e ...

A - E você assim que formado já ir pegando um cargo de chefia de laboratório, quer dizer, como é que era isso pra você...

E - Entrando no mestrado já começa a ter... É porquê...

A - ...Para você enquanto profissional, assim, um reconhecimento e ao mesmo tempo um grande desafio.

L - E isso ao mesmo tempo, não é?

E - Ao mesmo tempo um pouco de desafio sim, um pouco de medo sim. Assim: “Nossa, já é um controle de qualidade para o país todo, não é?”, porque a vacina, se o lote não estiver bom, a gente tem que reprovar.

L - É.

E - É. Aí eram vários testes que eram feitos e realmente todo mundo no INCQS era muito jovem naquela época (risos). A maioria das pessoas eram, eram jovens.

² O entrevistado usa uma entonação de autocorreção pois queria dizer “no começo” e não “no final”.

A - Dessa equipe do INCQS quem você lembraria assim rápido que trabalhou diretamente com a pólio?

E - Com a pólio? Tem, tem o Eduardo Leal, que agora parece que é vice-diretor do INCQS e a gente tinha muito contato também com a Maria da Luz, a Malu, que agora é de Bio, agora³, desde muito tempo atrás está em Bio-Manguinhos como, acho que como Diretora do Bio-Manguinhos.

A - É, como gerente, não é?

E - É. Ela trabalhou, ela fez um estágio no Japão passou algumas técnicas para a gente de titulação de vacina, foi importante a Malu também no início. Então, ela fazia um intercâmbio entre o INCQS, no início disso e Bio-Manguinhos que era o controlador da vacina, antes do INCQS ser o controlador oficial, não é? Quer dizer, foi indo dessa maneira.

A - Foi crescendo a ...

E - Foi crescendo dessa maneira. É muito interessante... e, realmente meio que ainda recém-formado, já dentro do mestrado e já começo no laboratório de controle de qualidade de vacina. Realmente é uma responsabilidade boa.

A - E tanto, não é?

E - É.

A - E essa questão que você colocou para gente de você estar com problema e ter que reprovar o lote, não é? Como é que é isso e a pressão que a gente sabe que existe, não é? Existe uma pressão de quem produz ou existe uma pressão de quem está distribuindo, como que é essa vivência? Dá para passar por isso e falar “não, está reprovado!” e ...

E - Dá para passar por isso, dá para passar, fizeram alguma ...

A - ...O Ministério que viva isso, não é? É uma questão técnica mesmo e pronto.

E - ...É técnica. Porque a gente era, a gente trabalhava numa área técnica, o âmbito, o nosso âmbito era técnico, então a gente dava o nosso laudo e esse laudo seguia.

A - Subia e “vocês que resolvam” ...

E - É, eles que resolvam. Tecnicamente, ela estando boa ou não...

A - E estrutura?

E - ...geralmente estavam boas⁴.

³ O entrevistado usa uma entonação de autocorreção pois queria dizer “desde a muito tempo” e não “agora”.

⁴ O entrevistado conclui a sua fala anterior sobre o controle de qualidade das vacinas.

A - Estava bem estruturado o INCQS nesse seu primeiro momento? Tinha uma atenção da instituição com relação a isso e aí eu estou dizendo o seguinte: é compra de material, é compra de equipamento...

E - Tinha. Naquela época, naquela época o INCQS estava começando com uma força bastante boa eu gostava da..., e, vamos dizer em termo de equipamento e reagente o INCQS tinha, dava condições para que a gente fizesse isso.

A - Tinha chance. E a relação com o Instituto Oswaldo Cruz, já era uma relação próxima?

E - Com o Instituto...

A - Com a virologia do Instituto?

E - Com a virologia, eu conhecia algumas pessoas da virologia e conhecia o José Paulo porquê... José Paulo Leite, porque a gente tinha sido companheiro lá no alojamento da UFRJ (risos). E eu sabia que ele trabalhava na virologia e a gente tinha um relacionamento bom e já com algumas pessoas da virologia além dele. E eu fiquei no INCQS de [19]80 a [19]85, quando eu vim para o IOC e para a virologia. Achei que estava mais dentro.

A - Mais dentro do que você queria, não é? A gente tem uma referência de que em [19]80, logo que você está entrando teve um grande encontro sobre enterovírus, um Encontro Nacional de Enterovírus. Isso, vem alguma coisa na sua cabeça ou você estava entrando e não é... Devia ser uma realidade mais ..

E - Não.

A - ...do instituto do IOC do que...

E - Esse encontro eu tenho a impressão de que foi mais relacionado com o IOC do que com o assunto com que eu trabalhava.

A - Você colocou claramente para a gente... , a gente nem precisou perguntar, a relação do laboratório com as campanhas, não é? Porque na verdade só iam...

E - Ah, sim.

A - ...acontecer campanhas se as vacinas tivessem sido aprovadas... que dizer essa relação já fez você ter uma relação direta com esse grupo do Ministério? Você já conhecia as pessoas do grupo da pólio, já? Tem alguém quem você destacaria?

E - Não, nessa época eu não tinha muito contato não. Foi a partir de... Eu ficava, ficava mais restrito, restrito ao INCQS...

A - Ao INCQS.

E - ... Naquela época, na verdade, o INCQS me parece que era um instituto, um instituto, uma, uma parte dentro da Fiocruz que era um pouco isolada da Fiocruz. Depois de um, vários anos depois, que o INCQS começou uma integração maior, inclusive nessa época

entre [19]80 e [19]84, [19]85 a gente não tinha muita naturalidade para fazer, para tentar fazer pesquisa no INCQS. Não era uma coisa que era apoiada dentro do INCQS.

A - Era mais serviço mesmo?

E - Era mais serviço de controle, era um trabalho mais pesado dessa maneira e não tinha muito apoio para pesquisa não.

A - Para pesquisa, não é?

E - É.

A - Você falou do seu mestrado eu acabei não entrando para pode entrar no INCQS, foi o próprio professor Raimundo, Dr. Raimundo [Diogo Machado] que te orientou, não é?

E - Foi, nesse mestrado foi.

A - A tua escolha pela microbiologia também estava nesse contexto e o que você destacaria da relação que você pode ter feito entre o que você fez no mestrado e a tua opção de ter ido pra pesquisa mesmo, que é bem no momento que você, “vou para o IOC”, como é que foi isso? Tem alguma relação?

E - Não, mas o mestrado foi um pouco antes. Eu terminei o mestrado, defendi a tese, terminei um tempo antes, defendi em 82, 83.

A - Ah, tá.

E - ...E, e eu trabalhei com um grupo de vírus que, que não tem muito a ver com pólio. Trabalhei com os adenovírus, que são os vírus respiratórios e... Quer dizer, o relacionamento disso, quer dizer, o que ficou disso era aquela, era somente a vontade de estar presente ou de fazer parte de um grupo de pesquisa. Porque na verdade o INCQS não, não tinha esse enfoque de pesquisa, era um enfoque de controle de qualidade. Atualmente até tem. Existe um mestrado, um doutorado, também sou orientador de curso do INCQS, mas naquela época não tinha. Então, isso ficava..., eu gostava do..., eu sabia da importância prática do trabalho do INCQS, mas ficava aquela, aquela vontade de ser pesquisador.

A - Faltando alguma coisa, não é? (risos) E como é que foi esse contato com o Instituto, com o IOC?

E - Eu...

A - A possibilidade de vir para cá, como é que se deu?

E - ...Quando houve em [19]85, me parece nos primeiros meses de [19]85, uma mudança na direção do INCQS e... me parece que o superintendente ou o diretor do INCQS, Eduardo Peixoto, depois mudaram para o Dr. Luis Rey. Eu realmente pedi ao Dr. Luis Rey que me liberasse para que eu viesse para virologia porque a virologia estaria, estaria me recebendo, vamos dizer assim. E ele me liberou e eu comecei na virologia em maio de [19]85.

A - E da virologia quem também estava fazendo esse convite para o senhor, quem estaria a fim que o senhor viesse?

E - É, da virologia era o Dr. Hermann [Schatzmayr], o chefe do departamento, ainda era o Dr. Hermann, que dizer, já era o Dr. Hermann. (risos)

A - Já era. (risos) A relação com o Dr. Hermann...?

E - Sempre tive uma relação naturalmente boa, como pesquisador.

A - Boa. Uma pessoa que estimulava o seu lado pesquisador...

E - Uma pessoa que no início sim, me deu um estímulo. Hum, hum.

A - Essa vinda para cá, basicamente em que projeto, quando você veio, teve algum projeto claro que você se envolveu?

E - Sim, quando, quando eu cheguei ao Departamento de Virologia pensando em trabalhar com os vírus que eu havia trabalhado no mestrado, que seriam os adenovírus...

A - Aqueles adenovírus?

E - Sim, mas o Hermann disse: “Olha, o que a gente tem disponível, o que a gente precisa, tem existe um projeto em pólio que você poderia, e, ser inserido nele pela..., de repente pelo o que você já sabe fazer, não sei, e a necessidade do departamento também.” Então, e realmente eu abracei essa história da pólio e por coincidência eu estava só continuando alguma coisa que eu já fazia antes com pólio.

L - É por isso, é.

E - Eu já estava um pouco trabalhando com pólio mesmo, foi meio que...

L - Uma continuidade, não é? Não foi muito uma ruptura?

E - ...aconteceu. É, não, não foi ruptura, foi mesmo continuidade e...

L - Sob uma outra ótica, um outro ponto de vista.

E - É agora a parte mais, mais de pesquisa, e eu iniciei na virologia justamente na parte... é... tentando fazer técnicas assim mais moleculares do que clássicas em virologia com os vírus da pólio.

A - Que, que seriam essas técnicas mais clássicas?

E - É porque na época ...

L - Mais moleculares do quê?

A - Não é, é assim, é melhor pegar ver as clássicas, para poder comparar.

E - As clássicas, as clássicas de diagnóstico ainda são utilizadas que são o isolamento de vírus em cultivo celulares e naquela época se fazia, e, ainda com o Dra. Mitiko [Fujita],

e, vamos dizer, diferenciação entre vírus de pólio vacinal e vírus de pólio selvagem por, é... métodos antigênicos, que são métodos bastante bons. Mas eu comecei a, nessa época, tentando olhar a parte de proteínas de vírus e logo em, comecei acho que em maio de [19]85... No fim de 86, eu estava indo pela primeira vez para o CDC [*Center For Disease Control and Prevention*] já para trabalhar com a parte de hibridização molecular, a parte de sequenciamento, naquela época era manual e toda essa parte mais voltada para biologia molecular de enterovírus, de pólio, principalmente.

A - E a biologia molecular é, também era um campo que estava crescendo dentro do Instituto, não era um campo...

E - Estava crescendo fortemente dentro do instituto, é. Então, naquela época só se falava em ácido nucléico, estava começando forte (inaudível) acabou um pouco a era de, de... assim, de proteína para diagnóstico e começaram a parte de diagnóstico baseado em métodos moleculares em termos de DNA e RNA mesmo, mais fortemente do que os métodos baseados em antígeno anticorpo. Então, eu me interessei muito por isso e comecei a tentar desenvolver esses métodos aqui no Departamento de Virologia.

A - E tinha um reconhecimento? A gente podia⁵... [Interrupção da gravação] Eu estava perguntando ao senhor se esse campo novo significa investimento e material novo, recursos porque aí deve ter um tipo de equipamento, não é? Um tipo de reagente, coisas que é de decisão política que vai se comprar, por exemplo, e tinha esse apoio do Instituto. Era um momento de bonança do Instituto?

E - Certo, nesse, nesse início, havia um projeto que o Dr. Hermann tinha, tinha conseguido, nós fizemos o pedido de várias, vários materiais para que fosse incluído nesse..., e, que o nosso trabalho fosse incluído nesse projeto. E paralelamente a isso houve uma..., estavam acontecendo umas visitas de dois, dois pesquisadores do CDC dos Estados Unidos para que eles escolhessem alguns laboratórios para que fossem laboratório de referência da OPAS, OPS, para o diagnóstico de pólio. E eles, e um dos laboratórios que foram escolhidos foi o Laboratório de Enterovírus da Fiocruz, do Departamento de Virologia. Então, a parte depois de suporte financeiro da OPAS foi imenso ao laboratório, foi muito bom o suporte.

A - Por esse reconhecimento da qualidade do trabalho que vocês tinham, não é?

E - Da qualidade de trabalho e o Departamento de Virologia já tinha mostrado em vários anos, o Dr. Hermann começou com pólio, no início do departamento foi pólio e começou me parece na Escola de Saúde Pública⁶ ...

A - E em [19]60, desde que o laboratório se organizou lá na Escola, não é?

E - Então, ele, o Departamento de Virologia tem uma tradição enorme nesse, nesse vírus, vamos dizer assim, foi o início do departamento foi com poliomielite.

A - Já foi com pólio. É a...

⁵ Em função de um forte barulho na sala solicitou-se a interrupção da gravação.

⁶ O entrevistado está fazendo referência à Escola Nacional de Saúde Pública, da Fiocruz.

E - É. Quer dizer a parte que, que eu entrei coincidiu mais ou menos com o auge das campanhas de vacinação em massa e ainda com a presença de vírus selvagens circulando em vários lugares do Brasil. Então, nós tivemos oportunidade de desenvolver esses métodos, que eu mencionei, vários métodos moleculares justamente para estudar esses vírus selvagens.

A - Quer dizer, fundamental no momento que está se pensando em erradicação, controle desse vírus selvagem, ter essas técnicas que vão rapidamente...

E - Essas técnicas foram importantíssimas.

A - ...diagnosticar, né?

E - E isso foi... um apoio grande da OPAS, do Instituto é claro e do CDC do Estados Unidos para o desenvolvimento conjunto de técnicas.

A - De técnicas, tá. E a sua indicação para a chefia do laboratório, como é que você viveu isso?

E - Foi, foi o seguinte. A OPAS, eles decidiram então fazer este laboratório de referência e isso já, bom de [19]85 para [19]87, não foi muito tempo. Em [19]87, havia necessidade de ter um espaço mais definido, um pouco maior para este laboratório. Então, o Pavilhão Rocha Lima, já estava meio... o Laboratório de Enterovírus que estava lá, não estava muito assim..., fisicamente estava numa área um pouco restrita e o Dr. Hermann designou uma parte aqui do [Pavilhão] Cardoso Fontes para isso. E esqueci mesmo a ...

A - Isso e você na chefia, o laboratório ganhou novo espaço e ganhou...

E - Isso então em 87, 87, olha o espaço é este e a gente começa neste espaço.

A - “E o filho é seu” (risos)

L - “Toma conta!”

E - É, “o filho é seu”. Então, eu comecei desde [19]87, basicamente como responsável por esse laboratório de enterovírus.

A - E da sua equipe, quem estava desde esse começo aí com você, quem você destacaria?

E - Olha da equipe inicial, é... nós começamos, eu, Ana Maria Bispo [de Filippis], que agora trabalha com, com febre amarela aqui no departamento, Luzia [Monteiro C.] Cortes que também não está mais no laboratório, mas logo depois veio o Silas, que ainda está no laboratório até hoje. Então, praticamente o laboratório começou com duas pessoas e foi crescendo devagarzinho.

A - Devagarzinho, está certo. A gente ficou com uma dúvida com relação ao laboratório ser Centro de Referência para a OPAS, para a OMS e para a OPAS e ser Centro de Referência para o Ministério de Saúde. Isso se deu em conjunto?

E - Não. Porque para o Ministério da Saúde foi anterior até à minha chegada ao departamento, ele já era o Centro de Referência para o Ministério da Saúde...

A - Já era Centro de Referência.

E - ...e existiam no Brasil vários laboratórios que trabalhavam com pólio e a Fiocruz como Centro de Referência. A minha participação foi mais no início do Centro de Referência da OPAS e OMS.

A - Da OMS. E a sua relação, sua que eu digo do laboratório com estes outros centros, outros laboratórios no Brasil, como que era a rotina disso?

E - A rotina...

A - Era uma entrega de material, para ter confirmação, como é que era?

E - Era sim. Existe um diagnóstico, um diagnóstico de virologia, e, considerado básico, clássico que é o seguinte: vários laboratórios teriam a capacidade de isolar um vírus de pólio e identificar esse vírus como pólio, identificar um enterovírus isolado como um poliovírus, como poliovírus. E se um poliovírus fosse identificado, esse vírus viria para a Fiocruz, como ocorre até hoje, e aqui a gente estuda, a gente faria, a gente faz um estudo mais pormenorizado para caracterizar este vírus quanto a sua origem, se ele veio da Vacina Sabin ou se ele é um vírus selvagem, então...

A - E isso se mantém até hoje como referência para manter a erradicação, não é?

E - É, a erradicação.

A - Tem sempre que estar controlando se ...

E - Exatamente, é.

A - ...não é um selvagem que veio aí, não é?

E - Um selvagem que naquela época era um vírus autóctone e agora não existindo mais, e, o sistema tem que permanecer o mesmo, a vigilância de paralisia e o diagnóstico laboratorial, porque tem vários países próximos ao Brasil que ainda tem poliovírus selvagem, um deles é Angola que é um contato muito grande com o Rio de Janeiro principalmente.

L - Hum, hum. Muito grande.

A - E essa referência de receber dos laboratórios significa receber do Brasil inteiro, até hoje?

E - Existiam oito laboratório que isolavam o poliovírus no Brasil e enviavam para cá, depois isso foi diminuindo para apenas três, a Fiocruz sendo um deles. Então, tem atualmente Belém, Recife e Fiocruz como o Laboratório de Referência. Mas a Fiocruz também é um Laboratório de Referência não só para o Brasil, para outros, para a Região das Américas também. Então...

L - América Latina.

E - ...A gente faz diagnóstico para outros países, por exemplo, Peru, Bolívia e eventualmente resolve “problemas” entre aspas para qualquer outro laboratório da Rede OPAS que tem laboratório no México, na Guatemala, na Argentina, no Caribe, tá?

A - É uma rotina tranquila, não é, pouca demanda!?

E - É uma rotina, uma rotina pesada, muito pesada.

L - Nossa que coisa. Meu Deus do céu.

A - E equipe para dar conta disso?

L - É isso que eu ia perguntar.

A - Você está com uma equipe *top*? (risos)

E - É uma equipe razoável, que dizer, tem pessoas qualificadas, mas infelizmente a deficiência de pessoal ainda é como em toda área da Fiocruz...

A - Da Fiocruz, do serviço público.

E - ...do governo em geral, tem deficiência de pessoal...

A - De pessoal.

E - ...a gente tem muito estudante e tudo, mas pessoal mesmo...

A - Fixo mesmo...

E - ...fixo, do quadro da Fiocruz, nós temos poucos.

A - ... É raro.

A - Agora, o seu laboratório deve ser um laboratório muito procurado pelas pessoas que se interessam por pesquisas e que estão fazendo seus mestrados, que estão fazendo suas especializações tem também essa, esse papel de...

E - Tem.

A - ... centro formador, não é?

E - O laboratório, na verdade, ele tem duas funções, vamos dizer, ele é um laboratório de enterovírus que serve como laboratório de pesquisa do IOC, é um laboratório de pesquisa do IOC e um Centro de Referência ... Então, é um Centro de Referência para o Ministério, para a OPAS e OMS e um laboratório de pesquisa. Então, a gente tem duas partes, duas vertentes. Uma, é uma parte de diagnóstico que é uma parte pesada e uma outra parte que é uma parte de pesquisa onde a gente orienta alunos de mestrado ... e doutorado...

L - E doutorado.

E - ... Então, tem uma parte que a gente tem que..., a gente utiliza basicamente é o que a gente encontra na rotina para a parte de pesquisa que tem muita coisa interessante.

L - Ai, nossa como deve ter...

E - Então...

A - Como deve ter. É, a gente vai fazer, eu vou fazer uma pergunta que pode ser ignorância, mas só para a gente entender. O trabalho com amostra de esgoto de águas, esse tipo de trabalho também passa aqui pelo laboratório?

E - Já passou. E, alguns anos atrás lá no Rocha Lima tinha..., o Laboratório de Enterovírus quando era localizado lá, a Mitiko chegou a analisar muitas amostras de esgoto quanto à presença de enterovírus... E isso inclusive, a pesquisa de vírus num ambiente, é uma das, como vou dizer, é uma coisa necessária sob o ponto de vista da erradicação, a prova, uma das provas da ausência de circulação de vírus é a ausência desse vírus, é a gente não encontrar o vírus nos pacientes, o vírus selvagem de pólio, e no meio ambiente mas a parte de meio ambiente atualmente não tem sido feita aqui na Fiocruz não, mas já foi feita.

A - Já foi feita.

L - E alguém faz isso?

E - No Brasil, tem a CETESB em São Paulo que faz.

L - Ah, tá. A gente está com uma referência aqui da ...

A - Dra. Elizabeth.

L - Dra. Elizabeth.

E - Elizabeth Marques não está mais.

L - Ah, não.

E - Não, é uma outra.

A - Mas é ela uma pessoa que a gente pode procurar para perguntar sobre esse momento anterior?

E - Pode, pode.

A - Mas é legal saber.

E - Participou disso.

A - Hum, hum. Tá certo. E aí o seu doutorado foi se encaminhando para um afinamento mais na pólio, não é?

E - Sim, sim, exatamente. O doutorado foi fruto do trabalho no laboratório. Então, nós fizemos um estudo sobre, assim, relacionado com a epidemiologia molecular dos vírus selvagens de poliomielite que circulavam no Brasil. Então, foi um estudo da genética desses poliovírus e relacionando essas amostras de vírus geograficamente e temporalmente e isso através de métodos de sequenciamento, de desenvolvimento de técnicas para diagnóstico. Foi uma tese interessante porque ela foi fruto é, vamos dizer, não da minha inteligência, mas do que a gente utilizava no trabalho. (risos)

A - Então epidemiologia molecular seria isso: é trabalhar com sequenciamento, trabalhar com esse tipo de identificação?

E - É um relacionamento, relacionamento epidemiológico tirado a partir de metodologia molecular...

A - Metodologia molecular

E - Relacionamento filogenético de vírus, essas coisas.

A - Hum, hum. Não, não é tudo aquilo que vem a ser o trabalho dele não só do laboratório! Imagina, realmente.

E - Trabalho do laboratório.

A - Me explica uma coisa a opção por exemplo de fazer o seu doutorado também na UFRJ. Em nenhum momento você pensou em fazer um doutorado no IOC?

E - Na verdade...

A - É opção, como que é que você viveu isso?

E - Na verdade era, era uma coisa, o seguinte que... Eu havia feito um trabalho prático dentro do meu laboratório aqui do IOC e no CDC dos Estados Unidos e apenas por facilidade, imagina eu me nem lembro na época como, como estava o doutorado no IOC, não é? nessa época, 90, 91 e o Departamento de Biofísica da UFRJ era um departamento que tinha uma área voltada a parte de biologia molecular...

L - Ah, tá.

E - ...E, e... o coordenador da pós-graduação de lá, nessa época, era um virologista, o Dr. Moacyr Rebello⁷.

A - Moacyr Rebello.

E - É, Rebello, é. Então existe ...

A - Foi ele que te orientou?

⁷ Moacyr A. Rebello- Laboratório de Virologia Molecular do Programa de Biologia Molecular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da UFRJ.

E - Não. Não o orientador, e, formal foi o Hermann, o Dr. Hermann e um chefe do laboratório de virologia molecular do CDC, o Holling Cure. Então, eu não me lembro realmente...

A - Tá, mas tem toda lógica era pela biologia molecular.

E - Tinha lógica sim. Porque não foi na Fiocruz, não...

A - Certo.

E - Não tem muita.

A - É porque que foi lá. é não porque não foi (risos)

L - Vou trocar a ...

Fita 1 - Lado B

A - É, então, Dr. Edson voltando um pouco para conversar sobre a rotina do trabalho no laboratório, a gente queria pegar um pouco dessa relação da pesquisa na virologia e a vigilância epidemiológica da doença e o controle da doença e eliminação, como é que se dava isso?

E - O papel do laboratório foi muito importante, ainda é, mas foi muito importante quando os vírus selvagens estavam presentes no Brasil da seguinte maneira. Com a utilização de métodos ditos moleculares e métodos rápidos de identificação de poliovírus a gente poderia..., quer dizer, a rotina funcionava mais ou menos da seguinte maneira: após a identificação por nós de um vírus selvagem em determinada região do Brasil, a gente comunicava aquilo ao Ministério da Saúde e a ação era tomada. Normalmente o que eles faziam era o seguinte: eles iam até aquela região e vacinavam em volta daquele caso, o que a gente chamava de vacinação de bloqueio, para bloquear a circulação, e vamos dizer o espalhamento do vírus para outros locais. E chegavam a fazer até vacinação casa a casa em volta de um caso de onde era encontrado um vírus de poliomielite selvagem. Então, eu acho que o papel do laboratório na prática da erradicação ele foi voltado, ele é muito importante neste aspecto indicando aos órgãos de saúde pública aonde eles teriam que atuar.

A - E dado que o vírus da pólio ele tem rapidez na propagação quanto mais rápido vier a informação.

E - Muita rapidez, exatamente. E por isso que isso tem que ser um trabalho rápido de informação, de troca de informação. A informação é uma das partes mais importantes dentro do programa de erradicação.

A - Nossa.

L - É verdade.

A - Esse fluxo tem que ser ...

E - Isso tem que ser rápido e contínuo, não é? Então, eu acho que o laboratório, o papel fundamental do laboratório era esse, essa informação do resultado ao Ministério para que eles tomassem uma ação. Isso foi levando à vacinação de casa a casa, de bloqueio, instituíram-se... os dias, o dia nordestino de vacinação porque os vírus estavam localizados mais naquela região então foi acabando assim do Sul para o nordeste, os vírus.

A - Com relação a esses dias nordestinos, o senhor teve vivência com um momento mais ao menos em [19]85, não é? Onde teve inclusive que ter uma mudança na vacina, foi o que estava acontecendo no Nordeste tinha uma singularidade?

E - Eu acho que ...

L - Teve que aumentar a tipagem do 3, não é?

E - Foi, foi aumentada, foi aumentada a potência do componente do poliovírus do tipo 3 da vacina, não é? A vacina é constituída por poliovírus do tipo 1, 2 e 3. Pelos três poliovírus. Então, eu acho que foram duas coisas. A primeira estava relacionada a um trabalho que foi feito, a um levantamento que foi feito, e, onde eles dosaram o nível de anticorpos de crianças vacinadas e notaram que normalmente para o tipo 3, elas tinham poucos, o título de anticorpo era muito fraco, muito baixo. Então, foi feito então uma..., eles repensaram a formulação da vacina e aumentaram a potência do componente três. Isso foi feito no Brasil e serviu para o mundo todo ... Depois disso todos os países que fizeram campanha de vacinação, que continuavam com campanha utilizaram esse sistema brasileiro. Aliás o Brasil - não diria uma das poucas coisas porque o Brasil é excelente (risos) - mas é, entre as boas coisas do Brasil é...

A - Pode destacar.

E - ...que o Brasil exportou nos últimos anos foram, foram muitas delas relacionadas com o programa de erradicação de pólio... que começou no Brasil e serviu de moldes para que a OPS, e, resolvesse erradicar a pólio na região das Américas e que depois, que a OMS resolvesse a mesma coisa com base toda no programa de erradicação do Brasil em vários sentidos. Mas então, eu estava falando da vacina e a segunda parte, porque em [19]86, nós tivemos uma, uma, uma epidemia de poliovírus selvagem, de poliomielite paralítica devido ao poliovírus selvagem do tipo 3 no Nordeste.

A - Isso.

E - Foi a última epidemia de pólio que teve no Brasil em [19]86, com 603 casos eu acho de pólio. Isso foi, foi, a partir daí, e, resolvemos modificar a vacina, mas também houve um componente que foi um pouco de falha ou de, eu acho que, que a parte de imunização, eles cochilaram um pouco porque, porque em [19]84 o número de casos de pólio foi reduzido muito, talvez ...

L - Muito, muito.

E - ...eu não sei quantos casos, mas tivemos muito poucos casos de poliomielite ... no Brasil. Então, a partir daí eles pensaram é nós acabamos com o negócio, e não tinha acabado então, estava meio dormindo, o vírus dormindo e a vigi... e a imunização também, a imunização também dormiu um pouco ...

A - Aí o vírus acordou antes.

E - ...o nível de cobertura vacinal caiu ...

L - Caiu.

E - ...abaixo de 85 %, 80% e isso é o suficiente para o vírus voltar, voltou forte.

A - Certo.

E - ...depois de 86, eles realmente vacinaram muito.

A - Foi um susto que levou a pegar de novo.

E - Foi um susto que levou, pegaram firme e aí acabou mesmo. (risos)

A - Desse grupo do Ministério da Saúde que vocês tinham mais contato, você lembra de alguém que você destacaria que tava lá no GT Pólio, alguns nomes?

E - Lembro, lembro, o GT Pólio que na época, vamos dizer, forte da poliomielite, um trabalho maravilhoso que o Ministério fazia nessa época tinha [Maria] Cristina Pedreira, que hoje está na República Dominicana, a Lúcia Oliveira, que está no Peru como consultora da OPS, tinha o Helvécio.

A - Helvécio Bueno.

E - Bueno, exatamente.

L - Nós já o entrevistamos.

E - E o consultor da OPS que trabalhava como se fizesse parte do Ministério era o Robin Biellik, um inglês.

L - Ele falou muito.

E - Então, era um grupo muito bom. Você está esquecendo..., é óbvio que a gente sempre esquece.

A - Era uma relação pessoal, não é? Era uma relação de pegar no telefone e, não é?

E - Eram reuniões assim, contato diário era, a gente viajava pelo Brasil todo eu falando sobre técnicas de diagnóstico de pólio, eles falando sobre vigilância, sobre o programa, era, era uma época, foi uma época muito produtiva, muito boa.

A - E essas viagens eram com o objetivo de formar, é de informar ...

E - De informar...

A - ... E de estar formando os técnicos...

E - ...a Secretaria de Saúde dos Estados... formar pessoal de vigilância e, isso foi um trabalho muito bom, muito bonito de...

L - Ah devia ser muito lindo.

E - ...e muito gratificante de ter participado.

A - É aí fosse deve ter ido a cantos do Brasil assim que não tinha ido nem tinha conhecimento daquela realidade de saúde?

E - Eram, eram normalmente é, visitados é, visitadas as Secretárias de Saúde Municipais, Estaduais de vários estados, então eram trabalhos de, de levantar, levantar a lebre para o problema, não é? Mostrar para o Secretário de Saúde que, que o problema estava aí e que tinha que resolver e normalmente o apoio era muito bom.

A - Nossa deve ser uma experiência de vida assim, de contato com essas pessoas e de contato com essa realidade, não é?

E - É foi muito bom, foi uma época excelente.

A - E nessa ida assim a estrutura que esses estados, esses municípios com relação a toda questão da rede de frio tinha toda uma preocupação com isso também?

E - Aquilo tudo era preocupação grande, tudo foi sendo mobilizado, foi sendo feito, isso aconteceu mesmo, isso é, foi, eu acho que país mobilizou para...

A - Experiência de...

E - Para erradicar a pólio, isso é...

A - ...de sucesso mesmo.

E - ... realmente foi uma, foi um mérito brasileiro, isso, isso aí...

A - (?)

E - ...os brasileiros trabalhavam daqui que saíram as ideias, as estratégias, normalmente isso foi tudo feito por brasileiro mesmo.

A - Isso é um barato. É esse seu papel como o professor, treinador, não é? Pessoa que está preocupada em formar os outros, não é? De informar também teve todo um papel de na rede de laboratórios?

E - Na rede de laboratório, sim.

A - Era⁸, era um outro lado que também tinha esse, esse viés de estar preocupado com a questão de técnicas, de assessorias técnicas, não é? Como é que era o cotidiano desse seu papel, como coordenador de *workshopping*, como coordenador de cursos?

⁸ Neste momento da entrevista, houve grande barulho na sala.

E - É, o laboratório da Fiocruz, ele coordenava e outros laboratórios da rede a nível nacional e também, e também muitas vezes a nível internacional. Com o papel de, assim, de referência em diagnóstico, como consultoria a outros laboratórios isso sempre foi feito e de vez em quando sediando alguns workshopping, alguns cursos rápidos de métodos de diagnóstico de..., principalmente, para poliovírus, aí vinham aqui os representantes de vários laboratórios do Brasil e de fora do Brasil.

L - E de fora.

A - E ir para fora você também já foi muito convidado para participar desses cursos fora?

E - Várias vezes, muitas vezes.

A - Vai organizar lá em cima...

E - É...

A - E aí vai, vai para ...

E - É eu ajudei a organizar dois, dois desses cursos no CDC em Atlanta.

A - E essa sua relação com o CDC a gente podia entrar um pouquinho você já falou algumas vezes quer dizer você tem uma relação que vem de trás que você já tinha inclusive falado que a sua pesquisa de doutorado teve o orientador, o coorientador de lá, não é?

E - Sim.

A - Como é que foi essa vivência de fazer pós-doc. lá e desenvolver esse trabalho lá, a questão da clonagem do vírus?

E - Ah, sei. O contato com o CDC foi iniciado em 86. A primeira, minha primeira, a primeira vez que eu estive no CDC em Atlanta foi em 86 num período de oito meses, eu acho seis a oito meses e dela para cá, não, não parou mais, quer dizer foi, foi um contato que geralmente a gente ia ao CDC e eles também vinham aqui na Fiocruz, os pesquisadores de lá, mas isso foi uma, uma colaboração que ainda, que ainda permanece nunca parou de acontecer isso e que isso foi, foi muito importante para o programa de erradicação na minha opinião na parte de laboratório porque essas, essas minhas idas ao CDC permitiu que a gente desenvolvesse, assim desenvolvesse ou aprimorasse métodos de diagnóstico rápido de hibridização molecular, de sequenciamento, de confecção de reagentes moleculares para o diagnóstico de pólio e outros enterovírus mas sempre foi uma relação muito, muito proveitosa para a Fiocruz no meu ponto, no meu ponto de vista eu acho que ...

A - E para o Ministério da Saúde como um todo, não é?

E - ...É claro esse laboratório cresceu muito e isso permitiu que isso fosse disseminado para outros estados, para outros países e isso de uma forma geral afeta também a..., o Ministério ganha também com isso.

A - Ganha direto, o programa de erradicação.

E - O programa de erradicação ganhou com isso, é.

A - Esse trabalho é especificamente em [19]92, 96 você ter ficado lá você ter desenvolvido um pós-doc, o que que é essa clonagem? Desculpe a ignorância.

E - Ah, isso foi um, um, um projeto que, nós fizemos outras coisas, mas esse, esse projeto principal foi um projeto de confecção, de manutenção de um clone infeccioso, que assim era o nome, para as vacinas de pólio, principalmente, para uma vacina do tipo 2. Nós escolhemos essa na época é porque o pensamento era que, que essa a vacina poderia acabar um dia, vamos dizer, então se a gente imortalizasse, assim dentro de um, assim clonando isso guardasse isso como, dentro de um plasmídeo bacteriano, poderia ficar, como de fato está guardado por, por muitos anos. Na verdade, isso era, foi um estudo mais acadêmico porque isso não foi utilizado... mas, mas a função era assim se eu precisasse da vacina do jeito que ela é, eu simplesmente transformaria aquele clone em um vírus e a vacina estaria aí.

A - Estaria mantida.

E - E isso, isso deve, deve estar sendo feito, acho que já foi feito também com a febre amarela, se eu não me engano, e...

A - E quanto a varíola por exemplo?

E - Varíola não porque quando a varíola, quando os trabalhos com a varíola cessaram essa metodologia num...

A - Não existia.

E - ...não era utilizados dessa maneira.

A - É. Porque a gente alguns exemplares, não é guardado...

E - É.

A - ...Dizem em dois grandes lugares.

E - Mas aí possivelmente, a gente tem o vírus guardado, como vírus mesmo. Eu não sei, se isso tem ...

A - Se chegou a esse nível de técnica, é.

E - Se está guardado a esse nível de, guardado a nível de, vamos dizer, e, de clone.

L - De clone.

E - Eu não sei, mas a parte que nós desenvolvemos no CDC foi relacionado a isso e também a outras técnicas como, como configuração de técnicas de TCR⁹ esse tipo de coisa, mas acho que o forte foi realmente confecção de clone infecciosos...

L - Infecciosos.

E - ...para vacina Sabin.

A - É fantástico. E lidar com uma realidade como essa desde de 86 conhecendo a estrutura de CDC, não é, toda essa questão de segurança, toda essa questão de técnica, de biossegurança mesmo, de manutenção e qualidade de equipamentos, investimento para pesquisa, isso te fazia também ter um olhar de querer cada vez mais pensar aqui no instituto como virando um centro de referência cada vez mais aprimorado?

E - Sempre, claro.

A - É muito diferente do que você encontrou aqui?

E - Realmente é, é diferente, é diferente a estrutura lá é imensa, tem muita facilidade de trabalho e, isso é o que a gente gostaria de ver acontecendo no nosso instituto, não é? Porque eu acho que normalmente os pesquisadores brasileiros quando vão, vão para o exterior, eles geralmente tem, tem condições de trabalho um pouco melhores do que as nossas, se não muito melhores do que as nossas e a vontade não é ficar lá, a vontade é que você trabalhasse aqui como você trabalhou lá... E, eu acho que a função do Instituto deve ser essa, porque muitos pesquisadores do Instituto tem a oportunidade de trabalhar fora do Brasil e retornam e muitos também tem a oportunidade de ficar morando no exterior e preferem voltar...

A - Voltar, não é.

E - É isso é uma, acho que é um vício de ser brasileiro e querer continuar, mas...(risos)

A - Acho que tem um vício de ser Fiocruz também.

E - Fiocruz também (risos)

A - Nós estamos todos, todos contaminados por esse vírus da Fiocruz.

L - Mas alguns ficam.

E - Alguns ficam.

L - É. Mas o percentual de pessoas que preferem ficar lá é, é muito menor ...

E - Eu acho que muito menor ...

L - ...do que em relação...

⁹ Receptor de células.

E - O ideal seria o governo do Brasil é...

L - Se sensibilizar com essas questões.

E - ... perceber que pesquisa é importante...

L - Exatamente.

E - Eu acho que está melhorando porque pesquisa é investimento no país...

L - É. Não é despesa.

E - ... o, os governos não pensam muito nisso, não é, até a Coréia pensa nisso, mais do que pensa o Brasil. Não é até a Coréia, mas... dando referência.

L - Até a Coréia pensa nisso.

A - A batalha é essa mesmo, né? Buscar reconhecimento pelo papel.

E - Reconhecimento.

A - E da pesquisa a longo prazo.

E - Acho que o pesquisador brasileiro é muito bom, não tem... A diferença entre a ideia e o resultado do Brasil, vamos dizer, é de seis meses a um ano, lá é de três a quatro semanas, não é pela inteligência, mas pela capacidade que ele tem de ter o que ele precisa rapidamente, de ter uma infraestrutura muito melhor do que a nossa... A gente tá chegando lá.

A - Ter uma dedicação completamente exclusiva porque pode tê-la, não é?

E - Exatamente.

L - É.

E - A gente vai chegar lá.

A - Essa coisa que..., vamos sim estamos melhorando. Com relação à dedicação eu pensei, estou pensando agora na sua vivência como professor, aqui no mestrado, no doutorado, orientação de tese, como que é você na sala de aula sempre foi um interesse ou veio por uma realidade?

E - Não, eu acho que veio por uma realidade, realmente eu nunca me imaginava como professor, eu me imaginava mais como pesquisador... Então, as aulas que a gente dá são, são dirigidas mais para o que a gente trabalha mesmo. Então, eu diria que, que eu por exemplo, eu dou muito mais palestra e seminário do que aula em sala de aula para aluno de, de graduação. A gente dá muito mais aula em pós-graduação do que para graduação. Então, e, isso facilita, por um lado, porque a gente fala exatamente do que trabalha, então é bom também por isso. Eu não tenho que, que falar sobre coisas que eu não trabalho ... Normalmente, o que eu passo em seminários...

A - E ao mesmo tempo deve oxigenar, não é?

E - É claro... O que eu passo em seminários e cursos, o que eu trabalho com aquilo, então.

L - É porque você teve uma resposta também sobre as coisas que você está falando com esses alunos, não é?

E - Exatamente.

L - Você recicla e oxigena também as coisas que você está pensando, não é?

E - E o contato com aluno é muito bom, não é?

L - É.

A - Não. As perguntas de vez em quando deixam a gente doidinho...

E - É. As perguntas são ótimas (risos)

A - Hum , não mas então isso não é lógico, então eu tenho que dar, não é, uma lógica para o que eu acho que já é lógico. Deve ser muito rico. Orientações de teses tem muita procura, o tema da pólio, o tema na verdade dos enterovírus, não é?

E - O tema dos enterovírus tem, tem tido muita procura e nós temos uns quatro a cinco alunos de mestrado no laboratório fazendo tese em enterovírus, em diferentes enterovírus e atualmente a procura por enterovírus sob ponto de vista de meningites também tem aumentado muito porque enterovírus são os principais agentes virais que causam a meningite. Então, está tudo ligado, o laboratório está caminhando para ser uma referência nacional em meningites virais...

L - Ah, tá.

E - ...Então, a procura por essa área tem aumentado também. É uma área muito importante. E além disso tem outros, outros enterovírus que estão eventualmente associados a quadros de paralisias idênticas aquelas causadas pelos poliovírus selvagens. Então, o trabalho com enterovírus não, não, não terminará tão cedo, a gente tem que saber quais são os enterovírus além dos poliovírus que causam as paralisias e quais são os vírus envolvidos em meningite, em outros quadros importantes do sistema nervoso.

A - Do sistema nervoso. E interessante de pensar, continua sempre ligado ao controle da pólio de alguma forma.

E - Continua.

A - Porque um dos índices é você mostrar que teve paralisia causada por outra..

L - Que não pólio.

A - Muito legal.

E - Exatamente. Agora a gente está caminhando nesse sentido, à medida que os poliovírus não existem mais, mas as paralisias continuam a existir, outros vírus estão causando, então a gente está correndo atrás desses vírus agora.

A - Correndo atrás desses vírus.

L - Atrás desses vírus.

E - Exatamente.

A - Quer dizer, essa parte do sistema nervoso central, de paralisias causadas é uma área que o senhor?

E - É uma área...

A - Que foca muito também.

E - ... muito forte no laboratório, isso.

A - Uma área rica. É com relação até a história dos laboratórios, você tem alguma referência do..., ou que o Dr. Hermann contou para você sobre esse início do Laboratório de Enterovirose, lá em 60, ainda na ENSP, depois vindo para o Instituto, tem alguma coisa assim que você teve dessa, de memória da memória?

E - Eu, que, o que eu sei é o que eu já o vi se reportando, já li também, foi o início do Departamento de Virologia, que ele iniciou com, mas o início foi com, com o estudo de pólio...

L - De pólio.

E - ...Ele já fazia diagnóstico de paralisia nessa época em 67, 68 e no início na Escola de Saúde Pública, realmente essa época ele, é dele mesmo, realmente eu não sei.

A - É, dele é, eu já foi até com o objetivo de facilitar a falar com ele mas acho que vai ser muito rico porque ele vai poder contar para a gente.

E - Vai contar uma história longa.

L - É (risos)

A - História longa e inclusive de um momento que a pólio não estava sendo considerada a grande questão da saúde pública, não é?

E - Exatamente.

A - Porque em 85 você tem, em 80, 85 você tem ela sendo tomada como uma questão de saúde pública.

E - Saúde pública, plano de erradicação de metas...

A - Plano de erradicação.

E - ...e tudo. O que aconteceu com o vírus da pólio, com a pólio em geral foi o seguinte como, como era uma doença contra, contra a qual se tinha uma vacina que tinha se mostrado que era efetiva assim como o sarampo tinha vacina desde muitos anos atrás, - eles, a vigilância não, mas a parte de saúde pública meio que, não que tivesse relaxado mas como existe uma vacina não tenho que me preocupar muito com aquela doença e o que na verdade se viu foi que apesar de ter a vacina, tinha que utilizar a vacina e utilizar em larga escala... Porque se não, não, a pólio ficaria sempre (?) ...

A - Que dizer a cobertura da vacinação é fundamental.

E - Tem, tem, é fundamental. Então, não é só existe a vacina e você toma quando for necessário não. Você tem que estar protegido e todo mundo...

L - Sempre.

E - Então, isso, isso levou a ... Isso no início despertou, re-despertou o interesse em pesquisadores em poliovírus, por causa desse aspecto e atualmente tem muitos outros aspectos, vamos dizer, de caráter molecular que são importantes mesmo nas partes da vacina de Sabin, a vacina Sabin, não é, a parte de instabilidade genética do vírus e tudo isso. Basta dizer que atualmente todos os casos de poliomielite por vírus de pólio, são por vírus de pólio da vacina e esses vírus de pólio tem a capacidade de sofrer mutações genéticas e assimilar, assumir um nicho ecológico próprio outra vez, que dizer um vírus como o genoma RNA, ele, ele é muito instável...

L - Entendi.

E - Então o problema da pólio atual é ela ser erradicada com vacina de pólio que por sua vez tem um certo risco de causar pólio também. Mas isso é controlado.

E - ...Mas então muitos estudos que a gente tem feito atualmente tem base, tem por base, o estudo genético de amostras de vacina Sabin para ver se elas estão se modificando no meio ambiente ou indivíduos imunossuprimidos, por exemplo.

A - E aí a rotina para fazer isso é pegar crianças vacinadas, é coletar?

E - É essa rotina, é a partir de que você isola um vírus de pólio vacinal em um quadro de paralisia, você sequencia parte do genoma desses vírus para observar o desenvolvimento genético dele, é... as mutações que ele por ventura tenha sofrido.

A - Tenha sofrido. Existe casos que aconteceram de pólio pós vacinal, na América Latina, República Dominicana então, vocês acompanharam diretamente isso...

E - Acompanhamos.

A - ...Receberam, trabalharam junto como Centro de Referência?

E - As amostras não vieram pra cá. Isso, nós só somente tivemos contato com a parte de laboratório do CDC que é aonde foi feito isso é mas essa vigilância sobre esse tipo de vírus tem sido feito no Brasil desde 97, 96 porque na época a gente fazia já a vigilância disso mas nunca descobrimos nenhum caso...

A – Isso que eu ia perguntar. Não teve ainda?

E – Não. Agora, nós descobrimos um caso é de um vírus de pólio vacinal com, com algumas mutações.

L – Agora, no Nordeste.

E – É, com algumas mutações que foi, foi observado aqui no laboratório, mas que é de longe, não tem de longe o nível de mutação do vírus da República Dominicana, mas é um vírus diferente. Isso despertou, despertou o Ministério para a parte que não pode dormir na vacinação.

L - É.

E - Não é um vírus selvagem, é um vírus vacinal modificado.

A - Mas não pode dormir na vacinação, não pode dormir na vigilância, não é?

E - Não pode.

A - Nem na relação direta com vocês.

E - Porque pode parecer paradoxal, mas esse vírus vacinal só vai ser combatido com o uso da vacina..., porque impede ele de circular.

L - Certo.

E - Então.

L - É um trabalho fantástico.

A - De Sherlock Holmes, não é, uma coisa de se estar o tempo todo perseguindo é, descobrindo é, uma coisa de sequenciamento mesmo. É com relação a essas técnicas todas que o senhor colocou é da virologia tem algum momento que o senhor destacaria nessa sua vivência de 80 para cá grandes mudanças, grandes marcos na virologia que levaram a outros tipos de pesquisa com pólio?

E - Teve, mas, e, isso claramente é somente a utilização de técnicas moleculares que marcaram a biologia molecular mesmo que isso foi trazido pra dentro do estudo de pólio. A técnica de TCR por exemplo, nós começamos a fazer em 88, a técnica foi inventada entre aspas em 83 e popularizada por volta de 88, 89, 90. Desde essa época, a gente começou, nós começamos a fazer a técnica e isso foi uma, uma, essa técnica realmente possui os métodos próprios, o cientista que inventou ganhou o Prêmio Nobel. É uma técnica utilizada em todos os laboratórios de pesquisa do mundo e no nosso caso especial ela, ela veio trazer uma rapidez imensa no diagnóstico dos enterovírus e também no sequenciamento genético porque a partir do TCR, a gente faz sequenciamento também. Então, isso marcou muito.

A - É uma grande que marca.

E - É uma grande marca e antes dela a técnica de hibridização molecular, baseado em sondas, sondas, sondas de DNA sintético também isso foi em 84, 85 que nós começamos a utilizar também então, eu acho que são esses dois marcos. A parte de hibridização molecular e a parte de TCR. A minha participação nesse laboratório é mais, e, vamos dizer, na parte de ter desenvolvido, participado desses métodos moleculares a partir de 85. É como eu não participei antes...

A - Você estava, você entrou justamente num momento de marcha, não é?

E - É.

A - ... de mudanças.

E - De a gente começar a fazer esse tipo de coisa.

A - Esse tipo de coisa. Da sua experiência pessoal ter participado de um processo que deu na declaração que uma doença foi erradicada, a circulação do poliovírus selvagem está erradicada o que, que foi isso, assim, viver isso, viver que o que vocês atingiram?

E - Eu acho que, que isso foi maravilhoso. Eu estava presente na reunião em Washington quando foi feita a declaração...

L - Ah, você estava!

A - Ah, nossa, que barato!

E - ...Então isso foi, foi assim um auditório completamente emocionado na hora, quer dizer, a gente já sabia que iria ser falado aquilo porque...

L - Nada como vivenciar o momento.

E - ...os indicadores levavam aquele negócio, mas na hora que foi falado foi aquela..., aquele sentimento extraordinário de ver que, que o trabalho, não o é o principal trabalho, mas uma das partes da erradicação é a parte de vigilância laboratorial, que isso foi feito e ajudou, eu creio que ajudou... nesse processo todo. Então, é muito interessante, eu não sei quantos anos vou viver, mais uns 10, 20, 30 anos, mas eu coloco assim ao mesmo tempo que eu, que a gente está ainda trabalhando, eu me sinto não velho, mas a gente olha assim e vê: poxa, eu já participei de uma coisa que marcou...

A - É? Que legal, não é?

E - ...um pouco, a história ...

A - Da humanidade.

E - A erradicação de uma doença, interessante, muito interessante, muito bonito.

A - Interessante.

E - Eu acho uma sorte ter vivido essa época também, não sei.

A - Sorte e também muito trabalho (risos).

E - Muito trabalho.

A - E, Laurinda, eu não sei se tem alguma coisa que você queria colocar.

L - Não, não.

A - A gente sempre no final assim da conversa a gente abre porque às vezes pela nossa incompetência ficou alguma questão que a gente não cobriu, que a gente não perguntou com muito detalhe e ou que o senhor quisesse expressar algum sentimento para a gente ir fechando e já fica um agradecimento imenso pela aula e pela experiência, né, pela vivência do senhor querer trocar isso com a gente e pela maneira como o senhor foi...

E - Não, realmente eu fiquei muito, eu fico muito agradecido pela, pela presença de vocês aqui no laboratório, acho que, que isso é alegria também porque é uma forma de que a gente sabe que o laboratório tá sendo reconhecido já que está sendo alvo, entre aspas, de uma entrevista visando a fazer parte de um arquivo na Casa Oswaldo Cruz pra utilização da Fiocruz toda e quem mais desejar. Como eu acabei de falar antes foi uma, assim uma, assim tipo uma sorte a pessoa estar vivendo naquele momento determinada situação. Eu acho que ter participado da erradicação de uma doença no nosso hemisfério foi uma coisa maravilhosa, muitos amigos são feitos durante esse tempo, não é, e isso vai ficando, não é, na cabeça da pessoa e vamos trabalhando nisso ainda e em outras coisas, não é. Quer dizer, eu agradeço a vocês.

A - A gente que agradece.

L - A gente é que agradece Dr. Edson.

A - Obrigada demais.

Fim da Fita 1 – Fim da entrevista